



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CENTRO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA  
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**

**THAISA DAYANE VICTAL FIGUEIREDO**

**PROFESSOR: ALIADO OU VILÃO NA VIDA PESSOAL E PROFISSIONAL  
DO ALUNO – A IMPORTÂNCIA DESSA RELAÇÃO.**

**UBERLÂNDIA – MG  
2021**

**THAISA DAYANE VICTAL FIGUEIREDO**

**PROFESSOR: ALIADO OU VILÃO NA VIDA PESSOAL E PROFISSIONAL  
DO ALUNO – A IMPORTÂNCIA DESSA RELAÇÃO.**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado a Universidade Federal de  
Uberlândia da Disciplina Monografia II –  
TCC para obtenção do diploma de  
Licenciatura do Curso de Pedagogia a  
Distância.

**Orientadora: Iara Maria Mora Longhini**

**UBERLÂNDIA – MG**

**2021**

**Professor: aliado ou vilão na vida pessoal e profissional do aluno – a importância dessa relação.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal de Uberlândia da Disciplina Monografia II – TCC para obtenção do diploma de Licenciatura do Curso de Pedagogia a Distância.

---

Profa. Orientadora Iara Maria Mora Longhini

**UBERLÂNDIA - MG**

**2021**

## RESUMO

O presente trabalho vem demonstrar por meio de um memorial descritivo e da análise do referencial teórico, como a relação professor aluno pode agregar ou prejudicar o processo de ensino-aprendizagem, não só dentro da sala de aula, mas também fora dela. Vários autores já mencionaram a importância dessa relação proveitosa para o sucesso do aluno de maneira integral, podendo assim exercer seu papel crítico reflexivo de forma autônoma dentro da sociedade. Diante dos estudos realizados e das experiências que todos têm do convívio escolar, são apresentadas reflexões a respeito desse relacionamento no âmbito pessoal da autora e através das observações realizadas durante os estágios curriculares da universidade. Através deste trabalho pretende-se evidenciar a importância dessa relação, de sua valorização pelo ambiente escolar e do apoio por parte dos familiares para que os estudantes prezem por um relacionamento amigável e respeitoso.

Palavras – chave: Relação professor-aluno; processo de ensino e aprendizagem; afetividade.

## SUMÁRIO

<b>1- Introdução.....</b>	<b>6</b>
<b>1.1- Memorial Descritivo.....</b>	<b>6</b>
<b>1.2- Trajetória Escolar.....</b>	<b>7</b>
<b>1.3- Os caminhos que me levaram à escolha do tema.....</b>	<b>10</b>
<b>2- Desenvolvimento dos estudos realizados.....</b>	<b>11</b>
<b>3- Considerações Finais.....</b>	<b>15</b>
<b>4- Referências Bibliográficas.....</b>	<b>16</b>

## **1- INTRODUÇÃO**

O presente trabalho vem demonstrar por meio de um memorial descritivo e da análise do referencial teórico, como a relação professor aluno pode agregar ou prejudicar o processo de ensino-aprendizagem, não só dentro da sala de aula, mas também fora dela. Ele está organizado em três partes: memorial descritivo que contempla minha trajetória escolar e justifica a escolha do tema, pela descrição do desenvolvimento do trabalho e pelas considerações finais.

### **1.1- Memorial Descritivo**

Meu nome é Thaisa Dayane Victal Figueiredo, nascida em 24 de junho de 1985, 35 anos, casada há 19 anos com meu amigo e eterno namorado Denis e mãe de dois filhos: Pablo Henrique de 16 anos e Pietra Caroline de 10 anos. Moro em Igarapava – SP há 16 anos. Antes quando eu era solteira, residia na Usina Junqueira com minha família, meus avós, tios e irmã gêmea Thalita.

Acho que se eu morei com minha mãe foi por alguns dias, pois ela ao engravidar foi embora para São Paulo com meu pai e lá nós nascemos.

Uma situação de vida mais difícil e com duas crianças prematuras, fez com que ela voltasse a Igarapava para pedir ajuda aos meus avós, pois tanto eu quanto minha irmã estávamos doentes.

Esse dia foi um dos marcos da nossa vida. Meu avô Benedito, ao ver que precisávamos de atenção e muito cuidado, pois ele brincava que nós duas cabíamos em uma caixa de sapato, rsrsrs, sem pensar duas vezes, disse à minha mãe Solange que só sairíamos da sua casa quando tivéssemos aprendido a comer sozinhas e a pedir ajuda, caso necessário.

Minha mãe nos deixou e voltou para São Paulo e a partir daí fomos criadas pelos meus avós, tios e tias, que não deixavam que faltasse nada a nós duas nem ao meu irmão, visto que um ano depois de deixar a gente com meu avô, minha mãe dava à luz meu irmão chamado Victor.

Minha família sempre morou na Usina Junqueira, local onde ficava instalada uma indústria de açúcar e álcool que dava serviço à maioria da população, e na época dos meus avós era presidida pela Fundação Sinhá Junqueira, uma verdadeira mãe, pois fornecia moradia, assistência à saúde, educação e lazer aos seus funcionários e dependentes.

Em 1991 meus pais já haviam vindo embora de São Paulo e trabalhavam também na Fundação Sinhá Junqueira, assim como toda minha família, e num desencontro desesperado aconteceu uma fatalidade. Meu pai Sérgio era uma pessoa muito amorosa e feliz, um coração maior que os quase dois metros que ele tinha de altura, ao saber que minha avó paterna iria mandá-lo embora para São Paulo para afastá-lo de minha mãe, pois as duas não se davam bem, dirigiu desesperado até o serviço de minha mãe para tentar avisá-la e se despedir, mas com muita tristeza no coração e muito álcool também, o que fez com que acontecesse um grave acidente que tiraria a vida de um dos meus heróis. A última imagem que tenho dele é ele dançando com uma cueca na cabeça e agarrando eu e minha irmã, ele era apaixonado pela vida, não entendo porque resolveu tirá-la.

Com esse ocorrido meu avô Benedito seria agora o segundo pai; caladinho, carinhoso, meigo adorava mimar a gente trazendo balas de açúcar, teve também sua vida cessada por uma úlcera estomacal em 1993, ocasião em que nossos últimos momentos foram beijos e bênçãos minutos antes dele passar mal sozinho em casa, pois viríamos a Igarapava fazer compras. No hospital, vendo a gravidade de seu caso, meu avô chamou meu tio Paulo, entregou seu único bem que era um relógio de pulso e pediu uma promessa: que nunca nos abandonaria e seria agora o nosso pai.

Assim, minhas tias e avó se agarraram a esse pedido e tentaram continuar vivendo e cuidando da gente da melhor forma possível. Elas contam que não foram dias fáceis, não foram dias felizes, mas foram vencidos graças à Nossa Senhora.

Hoje, minha mãe é casada de novo e mora em Jundiáí, meus tios Paulo, Sonia e Gislene moram com minha avó e não se casaram. Acho que tudo na vida deles foi tão intenso que se esqueceram deles mesmos.

Por isso com lágrimas nos olhos não posso deixar de citar todo amor e dedicação que tiveram para fazer com que eu e minha irmã vencêssemos na vida. Não foram dias fáceis e até hoje não são, sinto que sempre estou em dívida com elas por terem parado suas vidas para cuidarem da gente.

## **1.2- Trajetória Escolar**

Minha educação sempre foi muito rígida, minha tia Sonia era muito enérgica e não aceitava nada pela metade, tudo teria que ser feito com a máxima perfeição.

Estudei da educação infantil ao ensino fundamental na escola Coronel Quito, na Usina Junqueira. Era uma educação oferecida com muito amor e uma parceria família escola inacreditável, acredito que por ser uma escola de vila e que todos se conheciam.

Tive uma infância baseada nas experiências que a escola proporcionava até mesmo como lazer, pois minha tia Sonia era muito brava e exigia que nossos estudos fossem os melhores e que também fôssemos as melhores da sala.

As professoras que tive eram como segundas mães, davam conselhos, levavam para casa quando a mãe avisava que iria atrasar, e também corrigiam caso fosse necessário, pois era autorizado pelos pais que ajudassem na educação dos filhos caso vissem algo fora do normal.

Na minha época não existia celular para distrair os alunos, mas existia já a conversa paralela e as fugas da escola para ir ao parquinho. E em uma ocasião dessas, nós não queríamos ser a aluna que a professora buscava pela orelha e pediria para a mãe ir à escola. Era quase certeza que ali na diretoria levariam uns tapas dos pais, e no outro dia serviriam de paródia para os colegas.

Eu morria de medo disso acontecer porque minha tia não era de meia palavra, como afirmei anteriormente, com ela era tudo ou nada, ou 10 ou zero. Mas só estou aqui contando isso porque nunca tirei o zero, essa certeza eu tenho.

Após concluir o ensino fundamental, tínhamos que estudar na cidade vizinha, Igarapava, e nos deslocar todos os dias de ônibus para a escola que escolhêssemos cursar.

Havia uma escola municipal e as particulares e que, sem sombra de dúvida, iríamos para a municipal por questões financeiras, mas a diretora enviou nosso histórico à escola particular chamada Escola Viva, que nos ofertou uma bolsa de 100 % dos estudos, e as apostilas poderíamos xerocar.

Estudaríamos no período matutino, por esse motivo e para que não perdêssemos tempo, minha tia Sonia pediu que prestássemos o vestibulinho da Escola Profissionalizante Dr. Nicolau Saad, que ofertava curso de contabilidade no período noturno.

Prestamos e passamos, e lá vamos nós estudarmos nos três períodos, pois na escola de ensino médio, Escola Viva, também tínhamos aulas à tarde alguns dias



da semana. Era muito corrido, mas prazeroso, saíamos de casa às 06h15min e voltávamos às 23h: 30min.

Vencemos essa fase, aí vem o vestibular. Que sufoco, pois também tínhamos que passar em uma que não fosse paga. Eu e minha irmã prestamos em uma escola de cursos tecnológicos de nível superior em Uberaba (CEFET), mas tenho certeza que ela não passou, pois não gostou da escola ser pequena, sem repercussão como as outras, pois ela sempre foi mais inteligente que eu.

Passei para o Curso Tecnológico de Desenvolvimento Social (nível Superior), seria como um curso de Serviço Social; e minha irmã para não ficar sem estudar, meu tio Paulo fez o sacrifício de pagar o curso que ela queria na Faculdade UNIFRAN em Franca, onde cursou Telemática.

Optei por não concluir o curso superior, pois faltando um ano para minha formatura meu primeiro filho nasceu, e eu tinha que fazer a opção entre ir a uma cidade que ficava a quase 50 km de distância para estudar, ou ficar com ele e oferecer alimentação materna exclusiva, e essa foi minha melhor opção, pois pude acompanhar todo desenvolvimento do meu filho.

Casada, com dois filhos e cuidando da minha avó já idosa e minha tia que tem problemas de saúde por hidrocefalia, já não me imaginava estudando, quando vi um anúncio sobre o vestibular da UFU. Comentei com a minha avó Olivia e ela me disse que o sonho dela era me ver formar, então lá vamos nós.

Depois de muitos anos sem nem pegar o caderno prestei o vestibular e com a graça de Deus passei na segunda chamada. Mesmo sendo bolsista na escola particular, não poderia entrar nas cotas que eles ofereciam.

Aí começo minha luta, conciliar estudos, filhos, marido e desejo de ascensão profissional, mas aos poucos venho vencendo.

Nos meus estudos hoje percebo como tudo na teoria é lindo e prático, mais na sala de aula, na vivência é um labirinto sem tamanho. Diversos fatores influenciam no aprendizado de um aluno, não apenas os livros didáticos.

Na prática hoje tenho a percepção de como aprendi bem muitas regras de português e de química pela interação e pelas aulas dinâmicas que os professores ofereciam, como eles transmitiam o aprendizado de maneira lúdica e numa relação que envolvia nossa participação ativa.

Também vejo o lado que nas aulas de geografia e história não assimilei quase nada pelo autoritarismo dos professores e pelo ar de detentor de toda sabedoria que carregavam, não dando brechas nem para perguntas, apenas “enfiando teorias” no nosso cérebro como verdades absolutas e sem relação com o contexto da época.

### **1.3- Os caminhos que me levaram à escolha do tema**

Ao perceber hoje com meus estudos como a afetividade e a relação professor-aluno interferem no aprendizado, esse tema me chamou atenção para que não apenas possa ser mais bem estudado por mim, mas também para que talvez eu consiga ajudar colegas de profissão que não acreditam nessa importância.

Não só na minha época de escola percebo como a afetividade foi fator primordial para assimilação de muitos conhecimentos, mas também para uma relação de respeito e não de medo que estabelecemos com muitos professores.

Muitos profissionais utilizam métodos tradicionalistas de ensino baseados na centralidade do saber, e na passividade do aluno, deixando de lado questões humanas que devem ser permeadas na relação de ensino aprendizagem.

Tive professores que eu sentia necessidade das aulas e da convivência, mas também tive alguns que tenho pavor só de lembrar. Só para exemplificar, tive um professor de Educação Física chamado Nicolau, um jeito meio sargentão que falava grosso e adorava dar uns gritos que eu era uma burra.

Ele dava aulas de educação física no ensino fundamental e, mesmo eu não tendo tamanho para ser uma jogadora aquilo era apenas uma aula, mas ele era extremamente competitivo. Durante as aulas, se errávamos ele além de chamar de burra, pegava a bola e jogava contra a pessoa.

Nem sei falar quantas vezes levei uma bolada dele ou sai da quadra chorando por ter sido chamada de imprestável.

Tive também no ensino médio uma experiência negativa, uma pessoa que era um amor de pessoa com os alunos que tinham poder aquisitivo, mas que só suportava a mim e à minha irmã na escola para subir suas notas nas provas do governo, tanto que sempre escolhia a gente nos campeonatos. Era grosseira e sem educação, gritava e por várias vezes falava que nós éramos umas “Zé ninguém”, isso tudo porque como não tomávamos o lanche da cantina da escola, nós

levávamos de casa e muitas vezes servimos de críticas e ofensas, até mesmo de jogarem pedaços de comida.

Na escola noturna, também tive a experiência de ver um professor com atitudes ditas erradas em minha opinião. Uma colega chamada Débora, que já morou em Brasília, durante a aula levantou a mão e corrigiu o nome de um viaduto que o professor estava citando. Ela pediu licença e foi super educada com ele, mas já ele sem pensar duas vezes gritou que quem sabia tudo ali era ele, e que se ela era tão sabida que não precisava assistir a suas aulas, colocando assim a aluna para fora sem necessidade.

Atitudes desnecessárias e autoritarismo que pesam não só na vida pessoal quanto profissional de um aluno. Após vários estudos realizados durante minha graduação em pedagogia, posso perceber como essa afetividade tem relação direta com o aprendizado do aluno e seu cotidiano, pois nós professores acabamos sendo espelhos para muitos de nossos alunos.

Principalmente, agora, com essa pandemia, vemos como a relação professor-aluno tem influência direta, onde muitos pedem apenas a presença física e o contato com as reações dos professores para se sentirem seguros quanto a um conteúdo.

Quem nunca ficou explodindo de felicidade ao ver que o professor olhou sua atividade e deu um sorriso, sem palavras sonoras, apenas um gesto, e isso mudou completamente seu ânimo para continuar a tarefa.

Quantos alunos pela correria do dia a dia não conseguem receber atenção dos pais e depositam nos professores suas esperanças, usam da segurança que eles trazem para contar segredos e medos que nem mesmos especialistas conseguiriam diagnosticar.

A afetividade nessa relação professor-aluno é um dos fatores que favorecem a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo pela manifestação de sentimentos, emoções e troca de experiências promovidas pela interação e envolvimento do cotidiano.

## **2- Desenvolvimentos dos estudos realizados**

Através de estudos bibliográficos e observações durante os estágios realizados no decorrer do curso, foi possível perceber um distanciamento da afetividade nos dias atuais pelo fato de se carregar a ideia arcaica de que crianças

são miniaturas de adultos, trazendo assim comportamentos muitas vezes anti-sociais, sendo assim cada vez mais primordial oferecer um ambiente harmonioso e afetivo a esses alunos.

A afetividade sempre esteve presente nas relações sociais, e a escola por ser a principal ideologia a ser seguida, deveria seguir esse tradicionalismo ao invés de desvalorizar o aluno ao pensar de maneira errônea que a aproximação entre ambos pode desenvolver um excesso de confiança e possível fracasso escolar.

O educador deve aprimorar seus conhecimentos de maneira a socializar-se com a criança numa relação afetiva e de troca de conhecimentos, trazendo assim mais confiança e liberdade à criança ao interagirem e utilizarem o senso crítico para as dinâmicas reflexivas dentro da sala de aula.

A vida em sociedade é permeada dessas relações, sentimentos e envolvimento mútuo. Sem envolvimento não há interação social, e para isto o professor pode conduzir suas aulas na tentativa de troca de saberes e o respeito entre ambas as partes.

FREIRE (2004, p. 68 apud KIECKHOEFEL, 2011, p. 2534) cita que:

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. [...] O educador já não é mais o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos.

Nessa linha de raciocínio vemos que afetividade e aprendizagem são indissociáveis e íntimas perante a socialização, pois através das emoções o aluno exterioriza seus anseios e até mesmo suas dificuldades.

É diante das trocas de experiências e dos sentimentos que se despertam que as coisas começam a ganhar significado, assim quando aluno e professores estão interligados na mesma sintonia, ambos se comprometem a fazer o seu melhor através da troca de saberes, em que o professor deixa de ser o detentor do poder e passa a ser um aliado para trilhar novos caminhos.

De acordo com Ranghetti (2002, p.89 apud KIECKHOEFEL, 2011, p. 2542), a afetividade “[...] dá o brilho à relação pedagógica, desencadeando o convívio da razão com a emoção num movimento com a vida, do interior para o exterior do ser e vice-versa”.

Um bom professor vive rodeado de trocas de experiências, onde a prática social, a didática e a metodologia a serem administradas condizem com a realidade do cotidiano existente.

Sabemos que o docente é uma peça chave na aprendizagem e no sustento das estruturas estabelecidas pelo governo nas exigências legais como a BNCC, por isso deve manter-se em constante atualização, com a velocidade constante de saberes que a cada dia emergem na sociedade através das mídias e das tecnologias; deixando de lado aquela cultura de que apenas bons currículos e recursos fazem uma aula ser produtiva.

Freire (1997, p. 59) afirma que o docente deve trabalhar o diálogo não apenas em torno dos conteúdos a serem ensinados. Deve ir além do ato de ensinar, formando um clima aberto e livre no ambiente de sua classe.

O professor rege e o aluno se entrega por inteiro, portanto se não existir o fator humano, a sensibilidade e a intersubjetividade, não existe troca de conhecimentos e interesse do aluno, pois não se sentirá confiante ao não ser notado como um ser que tem seu valor.

Quando não existe confiança gera um sentimento de insegurança que impede o aluno de se aproximar diante das suas necessidades, prejudicando até mesmo a parte teórica administrada. O processo cognitivo perpassa por emoções, estímulos, sensações neurobiológicas e confiança; só assim existe aprendizado.

Frente à desvalorização que o professor enfrenta, com baixos salários e salas lotadas, é difícil manter um ambiente harmonioso, mas temos que lembrar que o papel do docente vai além dos livros didáticos, ele ensina para a vida, por isso é necessário que se crie laços de afeto para reforçar as potencialidades de cada aluno e prepará-lo para enfrentar o mundo lá fora de maneira consciente.

Quanto ao relacionamento professor-aluno observa-se que:

O relacionamento humano é peça fundamental na vida dos indivíduos, seja na família, escola ou trabalho, visto que envolve um conjunto de interesses que mantém as pessoas juntas. Sendo assim, é relevante estudar a relação professor – aluno, pois dependendo de como ela ocorre, ocasiona prejuízo ou promove o processo de ensino-aprendizagem. (NUNES, 2017, p.9)

Na atualidade:

o professor tem deixado de ser apenas um mero transmissor de conteúdo, assumindo a postura de mediador do conhecimento, ou seja, tornando-se ponte entre os saberes que ele detém e os conhecimentos trazidos pelos educandos. Assim, o processo de ensino e aprendizagem é o caminho pelo qual professores e alunos terão a missão de trilhar para que, no final dessa

caminhada, obtenham o sucesso escolar tão almejado. Entretanto, o que muitas vezes ocorre é que no meio desse processo existem interferências, que dificultam a aprendizagem e ocasionam o fracasso escolar. (NUNES, 2017, p.9)

Podemos ver o quão pode interferir no processo de ensino aprendizagem através de um estudo realizado pela aluna Jeane dos Santos Caldeira no seu relatório de estágio, onde observou alunos da 3ª série de uma escola pública de Pelotas/RS.

Em seu relatório pode relatar através de observações feitas em sala de aula que muitos pais ou responsáveis questionavam o comportamento dos seus filhos em determinadas disciplinas. Muitos alunos se negavam a participar de algumas tarefas por não conseguirem concluir, ou por experiências anteriores que tiveram uma má lembrança.

Para isso, a estagiária percebeu que durante as aulas de religião os alunos se expunham de maneira mais produtiva. Vale salientar que o estudo não faz nenhuma ligação religiosa com a relação ou a afetividade, mas apenas uma coincidência de que, durante estas aulas, os alunos se mostravam mais abertos a opiniões e abordaram temas do cotidiano, da realidade de cada um.

Assim foi possível notar que a maneira que o docente conduz uma aula interfere diretamente no relacionamento educando e educador. Principalmente pelo fato de constatar que estes comportamentos que eram ressaltados pelos pais, não ocorreram durante as aulas ministradas pela estagiária na disciplina de religião. Talvez pela abertura ao diálogo e pelo dinamismo constante do aluno poder ter voz ativa, mas, principalmente, pelo relacionamento que a estagiária tinha com seus alunos, onde frisava a todo o momento que educador e educando são importantes um ao outro, pois o processo de aprendizado é mútuo, por isso deve ser prazeroso.

Vygotsky (1996 apud FERRARI, 2008) mostrava em seus estudos que não se deve existir uma relação de imposição, e sim de respeito mútuo e colaborativo de ambas partes, onde o aluno participe ativamente do seu ensino e possa usufruir do senso crítico com a ajuda do docente.

Para o autor, o desenvolvimento do aluno provê das modificações e das interações ao longo da sua vida social, onde uma aliança das práticas culturais e educativas norteiam o processo de ensino aprendizagem.

Através do diálogo, os conteúdos foram ministrados interligando teoria e realidade, onde o clima da práxis educativa abre espaço ao sentimento de confiança e afetividade. O docente deve tomar o cuidado ao se envolver e ser verdadeiro, para que sua prática não interfira na sua vida pessoal.

Em uma matéria do site Faz Educação e Tecnologia (2021), são citados sentimentos como colaboração e diálogo como primordiais nessa relação de troca de saberes.

FREIRE (1997, p. 53 apud CALDEIRA, 2013, p. 23636) afirma: “procurar conhecer a realidade em que vivem nossos alunos é um dever que a tarefa educativa nos impõe: sem isso não temos acesso à maneira como pensam, dificilmente então podemos perceber o que sabem e como sabem”. Por esse motivo foram escolhidas as aulas de religião com referencial do livro “Obrigado, Querido Deus” (ANDRADE, 2001) para obter um leque mais diversificado de temas e promover uma maior interação e relacionamento social, permeando assim a troca de sentimentos e de vivências, fazendo da sala de aula um lugar afetivo e confiante, onde ser crítico e reflexivo é um direito do aluno.

### **3- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como podemos notar, a relação entre professor e aluno vai muito além da sala de aula, pois onde existe respeito e confiança, existe troca de experiências e saberes.

Numa relação proveitosa, o aluno participa ativamente do seu processo de ensino-aprendizagem, pois o docente deixa uma abertura de confiança e harmonia no seu espaço da sala de aula e também fora dela, pois abre o coração para que seus alunos trabalhem de forma contextualizada ao interligar teoria e prática.

O professor sai do papel de detentor do poder e da palavra e passa a ser mediador do conhecimento e troca de experiências.

Dessa forma, pela entrega mútua, o aluno quando é envolvido em um ambiente aconchegante e confiável, faz com que o aprendizado aconteça de forma natural, favorecendo a auto-estima e o senso crítico-democrático.

#### 4- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDEIRA, Jeane dos Santos. Relação professor-aluno: uma reflexão sobre a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem. In: **XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 11, 2013, Curitiba. II Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE. IV Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente – SIPD/CÁTEDRA UNESCO.** Pontifícia Universidade Católica do Paraná. p. 23634-23644. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/8019\\_4931.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/8019_4931.pdf). Acesso em: 08 jun. 2021.

Faz Educação e Tecnologia. **Professor e aluno: a importância deste relacionamento.** 2019. Disponível em: <https://www.fazeduacao.com.br/post/professor-e-aluno-importancia-relacionamento>. Acesso em: 10 out. 2021.

FERRARI, Márcio. **Lev Vygotsky, o teórico do ensino como processo social.** 2008. Nova Escola. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/382/lev-vygotsky-o-teorico-do-ensino-como-processo-social>. Acesso em: 28 out. 2021.

FRANCISCO, Dandara Ferreira; ARAÚJO, Rosenéri Lago de Sousa. **A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO.** Disponível em: [https://revistas.unipacto.com.br/storage/publicacoes/2014/a\\_importancia\\_da\\_relacao\\_professor\\_aluno\\_7.pdf](https://revistas.unipacto.com.br/storage/publicacoes/2014/a_importancia_da_relacao_professor_aluno_7.pdf). Acesso em: 08 jun. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KIECKHOEFEL, Josiane Cardozo. As relações afetivas entre professor e aluno. In: **X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 1, 2011, Curitiba. I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação - SIRSSE.** Pontifícia Universidade Católica do Paraná. p. 2533-2543. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2011/5202\\_2668.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2011/5202_2668.pdf). Acesso em: 08 jun. 2021.

Nunes, Tarcia Gabriela Holanda. **A relação professor(a)/aluno(a) no processo de ensino aprendizagem / Tarcia Gabriela Holanda Nunes.** – João Pessoa: UFPB, 2017. 24f.

RODRIGUES, Eduardo Pedro; VIANA, Helena Brandão. Afetividade na relação professor-aluno. EFDeportes.com, **Revista Digital.** Buenos Aires, Año 15, Nº 153, Febrero de 2011. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd153/afetividade-na-relacao-professor-aluno.htm>. Acesso em: 10 out. 2021.

SILVA, Nelma Albino da. **A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO.** 2013. Monografia publicada no site Brasil Escola. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-importancia-afetividade-na-relacao-professor-aluno.htm>. Acesso em: 08 jun. 2021.